

702563

BIBLIOTECA
UNEMAT 05

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG: N° 14671

Data: 27 / 04 / 2011

() Compra (x) Doação () Permuta

TAÍZE CARDOSO BIANCHI

***BULLYING: ATITUDES DOS EDUCADORES DIANTE DESSE
FENÔMENO***

Monografia de conclusão de curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras, sob^o orientação da professora Dr^a: Rosely Aparecida Romanelli.

Pontes e Lacerda, MT
2010

Folha de Aprovação:

Profª Drª Rosely Aparecida Romanelli

Orientadora

Profª Ms Teresa de Pazos

Banca Examinadora

Prof. Esp. Antonio Gomes

Banca Examinadora

Dedicatória

Dedico esta pesquisa a meus pais amados e minha querida “vozinha”, que não tiveram a oportunidade de uma formação superior, mas acreditaram em mim, sempre me encorajando a prosseguir e nunca desistir no meio do caminho, perante aos obstáculos que pareciam maiores que as minhas forças. E hoje sinto orgulho de olhar em seus olhos e ver brilhar e transparecer a felicidade deles perante a minha conquista.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me proporcionado esta conquista, e a misericórdia do nosso Senhor Jesus, pois as barreiras encontradas no meio desta jornada foram muitas e a vontade de desistir e parar no meio do caminho foram várias, sei que se não fosse pela fé, pelo amor de Jesus por mim, pela experiência e crescimento espiritual que pude conhecer e vivenciar na reta final desta graduação, confesso que sozinha não teria forças para conquistar este sonho. Obrigada Jesus!

Agradeço a toda minha família que torceram por mim, mesmo estando longe. Aos meus pais Aparecido Cardoso e Antonia Pereira e a minha avó Maria Furlanetto por acreditarem em mim, depositando muita confiança em meu potencial e não me deixando esmorecer perante as dificuldades e o cansaço a falta de tempo sempre foi meu adversário, a vida de um estudante que concilia trabalho e estudo é marcada por altos e baixos, mas a vitória é muito gratificante. Olhar para o passado e lembrar de todos os esforços que passamos e vencemos é uma sensação sem descrição, simplesmente maravilhosa!

Ao meu irmão Eduardo Cardoso que sempre esteve ao meu lado, nas diversas tribulações que atravessamos, sempre me compreendeu, me apoiou e me incentivou. Tenho um carinho muito especial por ti, principalmente por sua garra e determinação, e sei que está no caminho certo, e também irá conquistar todos os seus sonhos e objetivos.

Agradeço a minha amiga e irmã de coração Élbis Faria que tive o privilégio de conhecer neste período inesquecível de minha vida, agradeço pelo companheirismo, força e conselhos que me encorajavam, pelas alegrias e tristeza que compartilhadas e, principalmente pelas ótimas aventuras que passamos juntas – indo de moto todos os dias para a faculdade e muitas outras histórias que lembraremos ao longo de nossas vidas, espero que nossa amizade dure para sempre.

A todos os colegas de classe que pude conhecer, pelas conversas que trocamos nos corredores da UNEMAT, longas histórias vividas e altas gargalhadas compartilhadas em momentos de descontração e até mesmo em momentos de nervosismos. À todas as pessoas que involuntariamente passaram por minha vida nesse período, pois de alguma forma contribuíram para meu crescimento.

Agradeço ao meu querido marido Adriano Bianchi, que me apoiou a continuar estudando e a concluir esta etapa, pela compreensão das viagens que tive que realizar, pelas vastas horas e finais de semana sacrificados à minha pesquisa, e por toda palavra positiva de incentivo, saiba que elas me ajudaram a chegar até aqui, muito obrigada Te Amo.

Agradeço aos professores com quem tive aulas, pelo conhecimento compartilhado, em especial a professora Rosely Romanelli, por ser minha orientadora de última hora, sou muito grata pelo esforço dedicado a mim, me incentivou e apoiou, sempre com seu jeito meigo e calmo, confiou em mim, e me encorajou a terminar minha pesquisa, mesmo com o detalhe da distância que enfrentamos em que nossa comunicação foi através de e-mails, durante todo este período, só tenho lhe agradecer, obrigada por tudo.

Sou muito grata a todos os que me querem bem.

Epígrafe:

"Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais - em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais". "O mundo não é, o mundo está sendo". (Paulo Freire)

Resumo:***Bullying: Atitudes dos educadores diante desse fenômeno.***

Este trabalho resulta de uma pesquisa encaminhada para realização do TCC (trabalho de conclusão de curso) em Letras, na Unemat, Campus Universitário de Pontes e Lacerda. Nesta pesquisa procuramos refletir sobre o papel do professor como educador frente ao *bullying*, se os mesmo conhecem o fenômeno, e se reconhecem a existência do mesmo no ambiente escolar que trabalham e verificar se estão preparados para lidar com esse ato de violência. O material metodológico utilizado na pesquisa foram questionários com 22 questões para seis professores da rede pública de Araputanga – MT, e alguns relatos informais que surgiram enquanto respondiam aos questionários, estes relatos infelizmente não tivemos como transcrevê-los porque não foram gravados, pois como dissemos foram informais.

Palavras-chave: *Bullying*, papel do professor, violência, psicopatia.

Sumário

Introdução.....	10
1. Violência escolar	12
2. <i>Bullying</i>	15
2.1 Vítimas	17
2.2 Agressor	19
2.3 Espectador.....	21
3. A psicopatia e sua relação com o <i>bullying</i>	23
4. O papel da escola e do professor.....	27
5. <i>Bullying: Conceitos e relevância para os professores de Araputanga</i>	33
Considerações Finais.....	41
Bibliografia.....	42
Anexo: Questionários respondidos	43

Introdução

Neste trabalho procuramos refletir sobre o papel do professor frente ao fenômeno *bullying* e *principalmente* verificar se os professores entrevistados sabem o que significa essa violência escolar e suas consequências graves. Fenômeno este, que tem ganhado destaque internacionalmente nas escolas e na mídia de uma forma geral.

O *bullying* sempre esteve presente nas escolas, contudo foi apenas recentemente que o mesmo tornou-se importante para a sociedade e comunidade escolar, devido a alguns traumas psicológicos sofridos pelas vítimas do fenômeno.

Brincadeiras que eram consideradas comuns entre as crianças, como apelidos pejorativos do tipo: “baleia, botijão de gás, esqueleto humano, quatro olhos, bicha”, entre outros, recebem o nome de *bullying*.

No primeiro capítulo abordaremos alguns conceitos sobre violência escolar e as situações que acontecem mais comumente no ambiente escolar. Em um segundo momento definimos o conceito de *bullying*, e caracterizamos os três personagens principais: vítimas, agressores e espectadores existentes no fenômeno, destacando seus comportamentos, ações e os possíveis traumas que possam sofrer.

No terceiro capítulo, consideramos importante mencionar sobre a semelhança e a diferença entre a psicopatia e o fenômeno *Bullying*, em que tanto um quanto outro tem seu início na fase infantil, podendo ou não ser levado para a fase adulta.

No penúltimo capítulo, abordaremos o papel do professor enquanto educador que vai muito além da mera transmissão de informação para seus alunos. Todo educador deve repassar a seus alunos conceitos básicos de cidadania, democracia e respeito ao próximo. Vale ressaltar que simplesmente repassar esses conceitos não será suficiente para a formação de cidadania, mas é o primeiro e importante passo.

No quinto capítulo intitulado *Bullying: Conceitos e relevância para os professores de Araputanga*, no qual expomos as opiniões dos docentes frente a esse assunto polêmico e importante para a sociedade de forma geral, e também relatamos algumas que das experiências de violência escolar ocorridas na escola e como os mesmos lidam com essas situações dentro e fora da escola.

Para o desenvolvimento da nossa pesquisa utilizamos como instrumentos de coletas de dados, questionários com os professores de uma escola pública da cidade de Araputanga - MT, para melhor desenvolvimento da análise. A fim de descobrirmos se os

professores sabem o que significa *bullying*, e se reconhecem a existência do fenômeno dentro da escola aonde trabalham, bem como se estão preparados para combater essa violência.

1. Violência escolar

Não posso explicar como sofrer *bullying* me fazia sentir horrível. Era um verdadeiro inferno. Eu era uma excluída. Eu era a menos popular da escola e eu odiava isso. (Testemunho de vítima de *bullying*)

A violência é um problema público muito importante no mundo, e que infelizmente cresce a cada dia. Vemos, lemos, assistimos e ouvimos em jornais, noticiários da TV, diariamente casos de violência.

Esta sempre existiu na sociedade, no princípio seu uso tinha como justificativa a sobrevivência da espécie tanto humana quanto animal. Com o desenvolvimento da sociedade a mesma se expandiu e ganhou novas formas tais como: violência doméstica urbana, rural, institucional, escolar entre outras.

A palavra violência possui vários significados, podendo ser definida como: ato de violentar, determinar dano físico, moral ou psicológico através da força ou da coação, exercer opressão e tirania contra a vontade e a liberdade do outro. Em outras palavras defini-se violência como o atentado direto, físico contra a pessoa cuja vida, saúde e integridade física ou liberdade individual correm perigo a partir da ação de outros.

Os pressupostos psicanalíticos consideram violência toda e qualquer situação em que o indivíduo é submetido a uma coerção e a um desprazer absolutamente desnecessário ao seu desenvolvimento, seu crescimento e manutenção de seu bem estar físico e psíquico.

Silva (2010) em sua tese, afirma que a violência não é uma ação, mas sim uma reação, em que as pessoas não cometem violência sem motivo. Contudo, algumas vezes ela recai sobre pessoas erradas/inocentes. A mesma aponta o desrespeito, a prepotência, crises de raiva causadas por fracassos e frustrações e crises mentais como as principais causas da violência.

Geralmente quando falamos em violência, espontaneamente vem em nossa mente agressões físicas, mas como vimos violência não está relacionada apenas a força física, mas também agressões verbais que afetam a moral e integridade do indivíduo. A mesma está presente em todas as classes sociais e ambientes, no trabalho, nas casas, nas escolas e nas ruas. Assim Odália (2004) define:

Essa violência, qualquer que seja sua intensidade, está presente nos bairros sofisticados e nas favelas, nos bairros de classe média e nos pardieiros, nos campos de futebol da várzea ou no estádio do Morumbi. Ela se estende do centro a periferia da cidade e seus longos braços a tudo e a todos envolvem, criando o que se poderia chamar ironicamente de uma democracia na violência. (ODÁLIA, 2004, p. 9).

Nos últimos anos a violência escolar tem chamado atenção e ganhado importância na sociedade. Diariamente ouvimos nos noticiários casos de violência escolar que escandalizam a sociedade em geral.

Sposito, (2004) caracteriza violência escolar como aquela que acontece no interior da escola e que aponta uma reação contra a mesma se manifestando através de depredações do patrimônio, roubos, furtos e também nas ameaças aos professores e/ou outros funcionários da instituição e nos atos de vandalismos em seus carros.

Nas escolas têm se apresentado manifestações de violência de diferentes formas e tipos, tais como violência física, psicológica, sexual, ao patrimônio, ao meio ambiente e a discriminação.

Na maioria das vezes, infelizmente, a violência que mais chama a atenção é a física – brigas e agressões – e ao patrimônio – pichação, ou seja, as que são perceptíveis aos olhos, ao contrário da violência psicológica que muitas vezes é difícil de ser identificada e combatida por já serem “aceitas e legitimadas” pela sociedade. Segundo Odália (2004) isso acontece porque nem sempre a violência se apresenta como um ato, um fato, uma relação clara e transparente facilmente identificável, ao contrário ela se apresenta como um ato natural, na qual sua essência passa despercebida.

A violência psicológica costuma ser mais grave do que a física, em que a vítima pode ter traumas e originar certa delinquência, vandalismo, homicídio, e suicídio que proporcionará cicatrizes permanentes na vida do indivíduo. Como afirma Ballone:

A violência psicológica ou agressão emocional, às vezes tão ou mais prejudicial que a física, é caracterizada por rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito e punições exageradas. Trata-se de uma agressão que não deixa marcas corporais visíveis, mas emocionalmente causa cicatrizes indeléveis para toda a vida. (BALLONE, 2003).

Brincadeiras entre alunos ocorrem de forma natural e comum, colocam apelidos uns nos outros e dão muitas risadas, contudo a partir do momento em que alguns se divertem a custas de outros, ou seja, quando essas brincadeiras não divertem a todos, mas ao contrário

alguns começam a se intimidar, ou sofrer humilhação deixa de ser brincadeira e tornam-se atos de violência.

Brincadeiras de mau gosto, gozações, rixas e brigas escolares sempre existiram e sempre foram aceitas como algo comum na vida escolar. Ações e comportamentos excessivos de crianças e adolescentes no ambiente escolar, ainda ignorado ou tratado como “normais” por pais e professores, tornou-se um grande problema do século XXI. Contudo a maneira com que pesquisadores, médicos e acima de tudo professores tem tratado esse paradigma mudou. O que antes era considerado comum entre as crianças, hoje é conhecido como *bullying*.

2. *Bullying*

Sofri *bullying* durante vários anos em diferentes escolas, tive uma depressão profunda mal diagnosticada que resultou em internação psiquiátrica e quase custou minha vida. Mas resisti! (Testemunho de vítima de *bullying*).

O termo, pouco conhecido pela comunidade, de origem inglesa não tem ainda uma tradução específica no Brasil. No dicionário temos as seguintes traduções: *Bully* – indivíduo valentão, tirano, mandão, brigão. E, por conseguinte a palavra *bullying* corresponde ao conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica de caráter intencional e repetitivo, praticado por uma pessoa ou grupo de pessoas contra uma ou mais vítimas que não conseguem se defender.

Assim o termo é utilizado para designar pessoa cruel, intimidadora, muitas vezes agressiva que utiliza, na maioria das vezes, a superioridade física ou moral para intimidar alguém. Desse modo, a palavra *Bullying* define todo tipo de comportamento agressivo, intencional e repetido inerente às relações interpessoais.

Os estudos sobre o *bullying* se iniciaram com as pesquisas do professor Dan Olweus, da Universidade de Bergen, na Noruega (1978 a 1993) e com a campanha nacional *antibullying* nas escolas norueguesas.

No início dos anos 70, Olweus iniciava investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse um interesse das instituições sobre o assunto. Já na década de 80, três rapazes entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio. Estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de *bullying*, despertando, então, a atenção das instituições de ensino para o problema.

Olweus pesquisou inicialmente cerca de 84.000 estudantes, 300 a 400 professores e 1.000 pais entre os vários períodos de ensino. Um fator fundamental para a pesquisa sobre a prevenção do *bullying* foi avaliar a sua natureza e ocorrência. Como os estudos de observação direta ou indireta são demorados, o procedimento adotado foi o uso de questionários, o que serviu para fazer a verificação das características e extensão do *bullying*, bem como avaliar o impacto das intervenções que já vinham sendo adotadas.

Nos estudos noruegueses utilizou-se um questionário proposto por Olweus, consistindo de um total de 25 questões com respostas de múltipla escolha, no qual se verificava a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipos de agressores e percepções individuais quanto ao número de agressores (Olweus, 1993a). Este instrumento

destinava-se a apurar as situações de vitimização/agressão segundo o ponto de vista da própria criança. Ele foi adaptado e utilizado em diversos estudos, em vários países, inclusive no Brasil, pela ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência, possibilitando assim, o estabelecimento de comparações inter-culturais.

Os primeiros resultados sobre o diagnóstico do *bullying* foram informados por Olweus (1989) e por Roland (1989), e por eles se verificou que 1 em cada 7 a 13 estudantes estava envolvido em caso de *bullying*. Em 1993, Olweus publicou o livro "*Bullying at School*" apresentando e discutindo o problema, os resultados de seu estudo, projetos de intervenção e uma relação de sinais ou sintomas que poderiam ajudar a identificar possíveis agressores e vítimas. Essa obra deu origem a uma Campanha Nacional, com o apoio do Governo Norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de *bullying* nas escolas. Sua repercussão em outros países, como o Reino Unido, Canadá e Portugal, incentivou essas nações a desenvolverem suas próprias ações.

O programa de intervenção proposto por Olweus, em meados da década de 90, tinha como características principais desenvolver regras claras contra o *bullying* nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte de professores e pais, aumentar a conscientização do problema, avançando no sentido de eliminar alguns mitos sobre o *bullying*, e prover apoio e proteção para as vítimas. Com o sucesso da Campanha Nacional Anti-Bullying realizada na Noruega, diversas campanhas e estudos seguiram o mesmo caminho, dos quais podemos destacar o *The DES Sheffield Bullying Project – UK*, a Campanha Anti-Bullying nas Escolas Portuguesas e o Programa de Educação para a Tolerância e Prevenção da Violência na Espanha, entre outros.

Como vimos o *Bullying* tem sido preocupação mundial. O referido fenômeno acontece em todos os segmentos da sociedade, nas prisões, nas ruas, no ambiente familiar, nas escolas, entre outros lugares. Contudo, nos restringiremos ao ambiente escolar. A maioria dos países reconhece a importância do mesmo na vida escolar. É necessário compreender bem o *bullying*, pois não podemos julgar todos os conflitos escolares existentes como *bullying*. Define-se *bullying* todos os atos de violência física ou não que ocorrem de forma intencional e repetitiva.

O *bullying* é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar traumas ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. (FANTE, 2005, p.26)

Geralmente esse ato de violência na forma de agressões, assédios e ações desrespeitosas não possui justificações específicas e muito menos justificáveis, pelos quais os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder simplesmente maltratar, amedrontar e humilhar suas vítimas. O abuso de poder e intimidação são algumas formas adotadas pelos praticantes de *bullying* para impor sua autoridade e manter suas vítimas sob seu domínio. Neste contexto, o mesmo pode ser considerado o retrato real da covardia e da violência, em que predomina a lei dos mais fortes.

A prática desse ato de violência contribui para a exclusão social e evasão escolar. O mesmo é encontrado em toda e qualquer escola seja pública ou privada, urbana ou rural, educação infantil, ensino fundamental ou ensino médio, classe baixa, média ou alta, em outras palavras não existem lugares específicos para a ocorrência do *bullying*.

O *bullying* pode assumir diferentes formas: A) física: quando ataca fisicamente a vítima, rouba objetos e/ou estraga os pertences da mesma, B) verbal: quando faz uso de apelidos, ameaças e desafios, C) indireta: que consiste em espalhar rumores prejudiciais (fofocas) provocando a exclusão social.

Os meninos, com uma frequência muito maior, estão mais envolvidos com o *Bullying*, tanto como autores quanto como alvos. Já entre as meninas, embora com menor frequência, o mesmo também ocorre e se caracteriza, principalmente, como prática de exclusão ou difamação.

Ao contrário do que a maioria das pessoas acredita, na prática do *bullying* existem 3 (três) personagens fundamentais nesse ato: o agressor, a vítima e a platéia ou expectadores. Não é fácil para os pais e educadores identificar as vítimas, os expectadores e agressores, pois todos se recusam a falar sobre o assunto.

2.1 - Vítimas

Eu já sofri muito *bullying* na minha vida. Na escola, na rua e por todo o canto que passava. Quando eu ia pra escola tinham uns meninos que me chamavam de "macaco", me desprezavam por minha cor. (Testemunho de vítima de *bullying*)

As vítimas, em sua maioria, têm poucos amigos, são tímidas e inseguras, trocam de colégio frequentemente, inventam desculpas para não irem à escola, não reagem às

agressões dos *bullies*, não comentam com ninguém as violências sofridas por medo de não serem ouvidas, algumas vezes até abandonam os estudos, sofrem de depressão e podem até cometer suicídio.

As vítimas do *bullying* costumam fugir do padrão do restante da turma pela aparência física (raça, altura, peso); pelo comportamento escolar (melhor desempenho na escola ou péssimo desempenho) ou ainda, pela religião. Segundo pesquisas a maioria das vítimas tem a faixa etária entre 12 e 14 anos.

Ana Beatriz Barbosa Silva, médica e autora do livro "*Bullying: mentes perigosas na escola*" (2010) cita algumas das doenças identificadas como resultado desse ato de violência: angústia, ataques de ansiedade, transtorno do pânico, depressão, anorexia, bulimia, fobia escolar e problemas de socialização que podem ser levados para a vida adulta.

A vítima pode ser classificada, segundo estudiosos da área, em três tipos:

1. **Vítima típica:** é pouco sociável, sofre repetidamente as consequência dos comportamentos agressivos de outros, possui aspecto físico frágil, coordenação motora deficiente, extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa auto-estima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. Sente dificuldade de impor-se ao grupo, tanto física quanto verbalmente.
2. **Vítima provocadora:** refere-se àquela que atrai e provoca reações agressivas contra as quais não consegue lidar. Tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas não obtém bons resultados. Pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora. É, de modo geral, tola, imatura, de costumes irritantes e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra.
3. **Vítima agressora:** reproduz os maus-tratos sofridos. Como forma de compensação procura outra vítima mais frágil e comete contra esta todas as agressões sofridas na escola, ou em casa, transformando o bullying em um ciclo vicioso.

Muitas vezes as vítimas procuram pessoas mais indefesas e passam a provocá-las tornando - se alvo-agressor ao mesmo tempo, para descarregar nessa vítima toda a sua revolta.

Na maioria das vezes a vítima aceita todo o seu sofrimento sem dizer nada a ninguém, porém se transforma em uma pessoa triste, constantemente deprimida e sem perspectivas de lutar pelos seus direitos. Em casos mais extremos ela poderá até optar pelo suicídio.

Talvez guarde essa mágoa durante anos e de repente, em um momento de explosão, invada sua escola atire nos colegas e em quem atravessar seu caminho, passando da condição

de vítima para agressor, todavia sempre que a vítima opta por matar, ela pratica o suicídio em seguida.

Algumas atitudes de vítimas de *bullying*:

Na escola

- Durante o recreio está frequentemente isolado e separado do grupo, ou procura ficar próximo do professor ou de algum adulto;
- Na sala de aula tem dificuldade em falar diante dos demais, mostrando-se inseguro ou ansioso;
- Nos jogos em equipe é o último a ser escolhido;
- Apresenta-se comumente com aspecto contrariado, triste, deprimido ou aflito;
- Desleixo gradual nas tarefas escolares;
- Apresenta ocasionalmente contusões, feridas, cortes, arranhões ou a roupa rasgada, de forma não-natural;
- Falta às aulas com certa frequência;
- Perde constantemente os seus pertences.

Em casa

- Apresenta, com frequência, dores de cabeça, pouco apetite, dor de estômago, tonturas, sobretudo de manhã;
- Muda o humor de maneira inesperada, apresentando explosões de irritação;
- Regressa da escola com as roupas rasgada ou sujas e com o material escolar danificado;
- Desleixo gradual nas tarefas escolares;
- Apresenta aspecto contrariado, triste deprimido, aflito ou infeliz;
- Apresenta contusões, feridas, cortes, arranhões ou estragos na roupa;
- Apresenta desculpas para faltar às aulas;
- Raramente possui amigos, ou se possui, são poucos os que compartilham seu tempo livre;
- Pede dinheiro extra à família ou furta;
- Apresenta gastos altos na cantina da escola.

2.2 - Agressor

Na minha infância tirava muita onda com um menino do meu colégio público chamado Gustavo. Gustavo parecia um “dalit”, e falava feito frajola. Então um dia eu disse que a mãe dele fez sexo com o pai de frajola e ele nasceu. A mãe dele era uma linda indiana, e eu não queria arriar tanto com ela. Hoje em dia me arrependo dos meus atos, e sou o melhor amigo de “dalit”, que é o dono de um restaurante hindu, mais famoso da cidade e eu sou eternamente grato a ele por ter aceitado minhas desculpas. (Depoimento de agressor de *Bullying*)

¹ *Mentes perigosas nas escolas – Bullying*, 2010, ed. Fontamar de Ana Beatriz Barbosa e Silva.

O agressor, geralmente atinge o colega com repetidas humilhações ou xingamentos por querer ser o mais popular, se sentir poderoso e ter uma boa imagem de si mesmo. Em alguns casos, o agressor sofre frustrações em casa e não consegue ainda transformar sua raiva em diálogo, por isso desconta em outras pessoas todas as suas frustrações, não se importando com o sofrimento do outro, ao contrário sente-se satisfeito com o mesmo e suas atitudes são prevendo a dor do outrem.

Segundo Luciene Tognetta, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP): *"O agressor assim como a vítima, tem dificuldade de sair de seu papel e retomar valores esquecidos ou formar novos"*.

Os autores são, comumente, indivíduos que têm pouca empatia. Frequentemente, pertencem a famílias desestruturadas, nas quais há pouco relacionamento afetivo entre seus membros. Seus pais exercem uma supervisão pobre sobre eles, toleram e oferecem como modelo para solucionar conflitos o comportamento agressivo ou explosivo. Admite-se que os que praticam o *bullying* têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos anti-sociais e/ou violentos, podendo vir a adotar, inclusive, atitudes delinquentes ou criminosas.

O agressor pode ser de ambos os sexos. Tem caráter violento e perverso, com poder de liderança, obtido por meio da força e da agressividade. Age sozinho ou em grupo. Apresenta aversão às normas; não aceita ser contrariado, geralmente está envolvido em atos de pequenos delitos, como roubo e/ou vandalismo. Seu desempenho escolar é um tanto quanto ruim, mas isso não configura uma dificuldade de aprendizagem, já que muitos apresentam nas séries iniciais rendimento normal ou acima da média. Algumas atitudes dos praticantes do *bullying*:

Na escola

- Faz brincadeira ou gozações, além de rir de modo desdenhoso e hostil;
- Coloca apelidos ou chama pelo nome e sobrenome dos colegas, de forma malsoante;
- Insulta, menospreza, ridiculariza, difama;
- Faz ameaças, dá ordens, domina e subjuga;
- Incomoda, intimida, empurra, picha, bate, dá socos, pontapés, beliscões, puxa os cabelos, envolve-se em discussões e desentendimentos;
- Pega materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences dos outros colegas, sem consentimento.

Em casa

- Regressa da escola com as roupas amarrotadas e com ar de

superioridade;

- Apresenta atitude hostil, desafiante e agressiva com pais e irmãos, chegando a ponto de atemorizá-los sem levar em conta a idade ou a diferença de força física;
- É habilidoso para sair-se bem em “situações difíceis”;
- Exterioriza ou tenta exteriorizar sua autoridade sobre alguém;
- Porta objetos ou dinheiro sem justificar sua origem.
- Crueldades com animais, irmãos e coleguinhas;
- Fugas de casa ou da escola;
- Atos de vandalismo;
- Falta de responsabilidade;
- Participação em fraudes.²

2.3 – O espectador

Depois de algum tempo mudei de escola, na minha sala havia poucas meninas, um rapaz que estudara comigo na outra escola contou a todos dos meus apelidos e logo recomeçou o meu sofrimento. Eu não era convidada para nada, as pessoas me evitavam, e a única amiga que eu tinha todos os dias vinha me dizer o quanto os rapazes haviam me zoadado no dia anterior. (Testemunho de vítima de *bullying*)

O espectador típico é uma testemunha dos fatos que não sai em favor da vítima e nem se junta ao agressor. Essa atitude ocorre por medo de se tornar a próxima vítima. Também considerados espectadores temos aqueles que atuam como platéia ativa que reforçam a agressão rindo e incentivando o agressor, assim tornam-se co-autores ou corresponsáveis.

(...) a forma como reagem ao *bullying* permite classificá-los como auxiliares (participam da agressão), incentivadores (incentivam e estimulam o autor), observadores (só observam ou se afastam) ou defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper). (NETO. 2004, p.52)

Silva (2010) distingue três tipos de espectadores, com personalidades totalmente distintas: espectador passivo, espectador ativo e espectador neutro. Os espectadores passivos, assim como a vítima de *bullying* são frágeis e estão também propensos a terem problemas psíquicos, pois os mesmos sofrem ao ver as violências cometidas contra seus colegas, mas devido ao imenso medo de serem a próxima vítima não reagem ao *bullying*, recebem ameaças explícitas como: “Fique na sua, senão iremos atrás de você”, desse modo não conseguem defender as vítimas por mais que não concordem com a violência.

Os espectadores ativos atuam indiretamente no fenômeno *bullying*, manifestam apoio aos agressores através de risadas e palavras de incentivo. Geralmente presenciam a tudo

² *Mentes perigosas nas escolas – Bullying*, 2010, ed. Fontamar de Ana Beatriz Barbosa e Silva.

e gostam do que vêem, estimulando os *bullies*, são considerados bons moços, mas em muitos casos são eles que elaboram tudo e depois apenas observam. Os espectadores neutros, segundo Silva (2010) sofrem uma “anestesia emocional”, pois presenciam a tudo e não se comovem com o que vêem, por já estarem acostumados com esse tipo de violência em casa, desse modo as violências vistas pelos mesmos são normais.

Diferente dos agressores e vítimas os espectadores não apresentam comportamentos marcantes. Os mesmos tanto em casa quanto na escola se mantêm calados, há alguns que contam casos de *bullying*, mas quando questionados quanto ao assunto, inventam que viram na televisão, em filmes, novelas entre outros programas. Independentemente da classificação do espectador, a maioria se omite. Cabe ressaltar que a omissão também se caracteriza como crime, pois ao omitir sobre determinada violência, se contribui para a permanência da mesma.

3. A psicopatia e sua relação com o *bullying*

O escorpião aproximou-se do sapo que estava à beira do rio. Como não sabia nadar, pediu uma carona para chegar à outra margem.

Desconfiado, o sapo: "Ora, escorpião, só se eu fosse tolo demais! Você é traiçoeiro, vai me picar, soltar o seu veneno e eu vou morrer."

Mesmo assim o escorpião insistiu, com o argumento lógico de que se picasse o sapo ambos morreriam. Com promessas de que poderia ficar tranquilo, o sapo cedeu, acomodou o escorpião em suas costas e começou a nadar.

Ao fim da travessia, o escorpião cravou o seu ferrão mortal no sapo que desesperado quis saber o porquê de tamanha crueldade. E o escorpião respondeu friamente;

-Porque essa é a minha natureza!³

Primeiramente, vamos entender o que é psicopatia. Normalmente quando ouvimos este termo, já imaginamos um sujeito com "cara de mau, truculento, de aparência descuidada, pinta de assassino e desvios comportamentais tão óbvios que poderíamos reconhecê-lo sem pestanejar" conforme diz Barbosa Silva (2008)⁴. Contudo isso é um grande engano.

Reconhecê-los não é tão fácil assim, pois se trata de pessoas com grande poder de persuasão, hábeis e com grandes talentos teatrais, utilizam-se de todos os artifícios e argumentos para convencer, seduzir, humilhar e aplicar golpes em suas vítimas não se importando com as consequências. São indivíduos caracterizados como pessoas frias, insensíveis, manipuladoras, perversas, transgressoras de regras sociais, impiedosas, imorais, sem consciência e desprovidas de sentimento de compaixão, culpa ou remorso.

Um dado alarmante, segundo a autora, é que a maior parte dos psicopatas não são aqueles que matam a sangue frio. Sem medo e arrependimento, a maioria dos psicopatas está fora dos presídios convivendo como pessoas normais e comuns. Eles podem arruinar empresas e famílias, provocar intrigas, destruir sonhos, mas apesar de todos esses atos violentos os psicopatas não costumam praticar homicídio, é exatamente por isso que podem viver uma vida inteira sem serem descobertos, diagnosticados e muito menos punidos por essas ações. Um fato interessante e preocupante ao mesmo tempo é que estudos confirmam que os psicopatas não sofrem de distúrbios mentais.

³ Fábula retirada do livro: *Mentes perigosas – O psicopata mora ao lado.*, 2008, ed. Fontamar de Ana Beatriz Barbosa e Silva.

⁴ *"Mentes perigosas – O psicopata mora ao lado."*, 2008, ed. Fontamar de Ana Beatriz Barbosa e Silva.

Como dissemos anteriormente um psicopata não é um indivíduo louco, ou seja, fraco de sua capacidade mental embora a palavra psicopata literalmente signifique doença da mente (do grego, *psyche* = mente; e *pathos* = doenças). Também não são pessoas que sofrem de qualquer tipo de desorientação, nem de delírios ou alucinações (como a esquizofrenia) e tampouco apresentam um quadro clínico de intenso sofrimento mental (como depressão e síndrome do pânico, por exemplo).

Um indivíduo psicopata não possui nenhum tipo de sentimento como: solidariedade, empatia e principalmente tem a ausência de consciência. Uma pessoa normal tem a capacidade de se colocar no lugar do outro, ao contrário de um psicopata, os mesmos são em geral indivíduos frios e calculistas, inescrupulosos, dissimulados, mentirosos, sedutores e que visam apenas o interesse pessoal. Segundo Silva (2008), são seres incapazes de tratar as outras pessoas como seres humanos pensantes e com sentimentos. Acreditam ser superiores às demais pessoas, considerando-as tolas e presas frágeis e fáceis e se utilizam de sua inteligência e talentos, tudo isso, é claro, na maior naturalidade.

Os psicopatas podem estar fantasiados de bons políticos, bons amigos, bons amantes e bons religiosos. Os mesmos variam de nível de gravidade entre leve, moderado e grave, sendo que o primeiro são os que cometem pequenos golpes e roubos. Além de psicopatas recebem os nomes de sociopatas, personalidades antissociais, personalidades amorais entre outras.

Muitas vezes pensamos que o índice de psicopatas existente é pequeno, contudo se fizermos como Silva (2008), uma comparação com o estádio de futebol Maracanã lotado, como em uma decisão de campeonato. O local tem a capacidade de acomodar 80 mil pessoas, sendo que ali podem estar concentrados cerca de 3 mil psicopatas. Ao pensarmos por esta ótica observamos que as estimativas tomam proporções gigantescas. Esse número é de espantar, mas, não devemos achar que todos são psicopatas e que estamos a perigo, segundo o estudo 96% das pessoas são consideradas “normais”, ou seja, possuidoras de uma base razoável de consciência, decência e responsabilidade.

Concordamos com a autora quando a mesma diz que nossa sociedade vem banalizando o mal e invertendo os valores. Hoje tudo é permitido, em que pode se tudo desde que se alcance o que se deseja, percebemos isso até mesmo nos desenhos animados e alguns programas televisivos em que se adota a postura do “mais esperto” em que as crianças e adolescentes são o público alvo e crescem com o pensamento de que não há limites para conquistar o que se deseja.

Acreditamos ser necessário retomar as principais características de um *bullying* como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente adotada por um ou mais alunos contra um grupo ou um indivíduo. A vítima se torna presa dos mais fortes como meros objetos de diversão e prazer, cujas “brincadeiras” têm o propósito de intimidar, maltratar, humilhar e amedrontar, causando dor angústia e sofrimento às suas vítimas. E, na maioria das vezes, o agressor, aquele indivíduo valentão ou tirano que costuma ser o líder do grupo apresenta características compatíveis com a personalidade psicopática.

Desde muito cedo os pais, parentes e até mesmos os educadores conseguem detectar comportamentos anormais numa criança, como por exemplo, mentira frequente, trapações, roubo de pequenos objetos, vandalismo, violência. Essas características são problemas comportamentais sérios detectadas em indivíduos com perfil psicopático. Geralmente, os psicopatas começam a exibir problemas comportamentais quando crianças e/ou adolescentes. Assim Silva (2010) destaca:

Vale a pena destacar que crianças e adolescentes com perfil psicopático costumam realizar intimidações (assédio psicológico) contra pessoas pertencentes aos seus grupos sociais. Quando isso ocorre no ambiente escolar, pode caracterizar a ocorrência de um fenômeno chamado *bullying*. (SILVA, 2010, p 100).

Esses indivíduos apresentam grande crueldade contra os animais e outras crianças, isso inclui seus próprios irmãos, coleguinhas da escola e até mesmo seus próprios pais e professores.

Um indivíduo psicopata não possui nenhum tipo de consciência. Para Silva (2010) consciência é tudo aquilo que agregamos como valor, e passa bem perto da empatia, que é a capacidade de se colocar no lugar do outro. A autora afirma ainda que a consciência está bem acima de teorias religiosas, psicológicas e científicas. “A consciência é tão espetacular que só podemos senti-la” (p.33), ela completa. A mesma está presente naquele que possui capacidade de amar, uma vez que está alicerçada no amor.

A consciência genuína nos faz sentir compaixão para com o próximo colocando-nos em seu lugar, e com isso passamos a compreender a dor e o sofrimento alheio. Quando deixamos o estado de consciência tomar conta de nós, não sabemos explicar aquele sentimento de remorso por uma palavra dita, que machucou alguém, e logo pedimos desculpas sinceras, vibramos, nos emocionamos, cuidamos do nosso animal de estimação,

ficamos indignados com tragédias, roubos, desrespeitos e com diversas outras situações cotidianas. Isso é ter consciência!

E como afirma a autora supracitada, os psicopatas são incapazes de sentir compaixão ou de se colocar se no lugar do outro, não possuem responsabilidade ética, que deveria ser a base essencial de nossas relações emocionais com os outros.

Na prática do *bullying*, muitas vezes envolve indivíduos sem escrúpulos e sem consciência genuína, que inevitavelmente nos causa *catarse* ao serem relatados os fatos vivenciados pelas vítimas desses agressores cruéis e incapazes de terem piedade. Contudo, em meio a essas características, não podemos classificar todos os praticantes de *bullying* como psicopatas,

Muitas vezes *perdemos a cabeça* como se diz popularmente, e isso nos aproxima de ser uma pessoa dissimulada, mas logo retomamos a nossa consciência e nos damos conta do erro que cometemos então nos arrependemos do acontecido e chegamos até nos desculpar, não repetindo mais a situação ocorrida. Isso acontece com alguns *bullies*, por não terem a ausência da consciência, acabam fazendo o que a ele é subordinado, para continuar no grupo ou até mesmo para bancar o *valentão*. Mas em algum período irão se dar conta do erro cometido e não cometerão mais essas atitudes.

Ressaltamos que é fundamental que não confundamos a capacidade inata que temos de distinguir o certo do errado com a capacidade de decidirmos, isto é, optar pelas atitudes corretas ao invés das erradas, uma coisa é saber qual atitude adequada a ser seguida a outra é por em prática, ou seja, agir de acordo com este preceito.

Vale destacar que segundo pesquisas e estudos comprovam que não se vira psicopata da noite para o dia, mas, ao contrário, se nasce e se permanece assim, em outras palavras psicopata é a maneira de ser. Os mesmos burlam as leis sem nenhum medo e remorso e acreditam que elas sejam meros obstáculos no caminho para alcançar seus objetivos. Achamos importante desenvolver esse capítulo sobre a psicopatia devido a algumas coincidências entre a mesma e o *bullying*, já que os praticantes se utilizam da lei dos mais fortes sobre os mais fracos e ao fato de que os sintomas podem ser percebidos por pais e educadores ainda no início. É importante frisarmos que não podemos considerar todos os praticantes de *bullying* como psicopatas, já que estes não possuem nenhum sentimento e não existe a possibilidade de mudança, ao contrário daquele que apesar de praticar a violência sofre com a mesma e ainda existe a possibilidade de mudança se diagnosticado a tempo.

No próximo capítulo abordaremos o papel dos professores como educadores frente a esse fenômeno que tem ganhado destaque internacional e preocupado muitos pais.

4. *O papel da escola e do professor em relação ao Bullying*

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. (Paulo Freire)

Como dissemos anteriormente o *bullying* é um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição. São as escolas que não admitem a ocorrência do fenômeno entre seus alunos, ou desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo.

A escola é o primeiro contato da criança com o âmbito público. Com a modernidade tanto os pais quanto as mães, em sua maioria, trabalham fora. Hoje a maioria das famílias tem um ou no máximo dois filhos, que são deixados em creches e escolas cada vez mais cedo. Devido à falta de tempo os pais de hoje toleram e são mais permissivos com relação a quase todas as ações de seus filhos utilizando o termo “deixa pra lá”, “é apenas uma fase”, “com o tempo tudo se resolve”, desse modo as crianças tendem a fazer o que desejam, são intoleráveis e egocêntricas.

Infelizmente percebemos, em muitos casos, que os pais deixaram de educar seus filhos. Educar não consiste em passar a mão na cabeça dos mesmos, mas ao contrário prepará-los para os conflitos do dia a dia, colocar limites e regras, e principalmente conscientizá-los sobre o respeito ao próximo.

Os pais preferem “criar” um ambiente harmonioso, para não gerar conflitos com seus filhos, ao prepará-los. Contudo essa atitude prejudica muito a vida dos mesmos. Indiretamente, os pais transferem a responsabilidade pela educação dos filhos às escolas.

É na escola que as crianças e adolescentes entram em contato com um ambiente novo e diferente do que estavam acostumados em casa. Nesse novo ambiente suas vontades nem sempre são acatadas, começam os conflitos de opiniões com colegas, professores, diretores e demais colaboradores da escola, a vida em coletividade se inicia sendo necessário respeitar as opiniões contrárias. É na escola que se aprende o conceito de democracia e é na mesma que se dá continuidade ao processo de formação do caráter e personalidade do indivíduo.

É papel da escola o dever de guarda e preservação da integridade física e psicológica do aluno, com a obrigação de empregar a mais diligente vigilância, objetivando prevenir e evitar qualquer ofensa ou dano decorrente do convívio escolar, decisão proferida pelo *TJ-DFT* (Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios), nos termos do art. 14 do Código de Defesa do Consumidor.

Segundo Silva (2010), para que se mude a mente de nossos alunos no que se refere ao convívio social e noções de respeito ao próximo, as escolas devem além de modificar os métodos de ensino e os conteúdos, transformar a concepção da educação formal.

Felizmente, percebemos que o objetivo da maioria das escolas mudou. O que antes consistia em apenas avaliar os alunos com testes e provas, hoje se pauta pelo princípio básico de preparar os discentes para a vida adulta. Essa mudança não compete apenas às escolas, mas também aos pais no ambiente familiar. Toda a comunidade escolar é responsável pela preparação dos alunos para a vida adulta.

No ambiente escolar, observa-se 3 (três) classes distintas entre os alunos: os populares, os neutros e os excluídos. Os populares são aqueles que possuem qualidades legitimadas pela sociedade, e desse modo possuem certa influência sobre a maioria dos alunos. Os meninos em geral possuem corpo atlético e utilizam - se dessa beleza considerada padrão para manipular os demais. As meninas, geralmente são bonitas e andam sempre na moda e são defendidas pelos meninos populares.

Os neutros tentam se dar bem com os populares, mas não fazem parte do grupo deles e costumam evitar os excluídos para não aborrecer os populares. Os excluídos são aqueles que fogem ao padrão de beleza imposto pela sociedade, são magros ou gordos demais, altos ou baixos, usam óculos. Comportam-se, vestem-se ou se relacionam de forma diferente, por isso são alvos dos praticantes de *bullying*. Vale ressaltar que nem todos os populares são agressores do fenômeno. Segundo médicos e especialistas no assunto não existe sucesso ou qualquer outra realização profissional que apague o sofrimento de uma criança ou adolescentes vítimas do *bullying*. Cabe salientar que não são apenas crianças ou adolescentes que sofrem o *bullying*, mas há casos do fenômeno em cursos superiores e até mesmo caso de professores serem vítimas da violência.

A boa escola não é aquela em que não acontece o *bullying*, mas a que reconhece que o mesmo ocorre e tenta solucionar o problema, pois como dissemos anteriormente omitir é ser cúmplice, dessa forma se contribui para o agravamento da situação. O fenômeno pode ocorrer tanto dentro como fora da escola, contudo tem seu início no ambiente escolar.

Os estudos no Brasil sobre o fenômeno iniciaram no começo de 2000 por Cleo Fante e José Augusto Pedra, que fizeram uma profunda pesquisa, que resultou em um programa de combate ao *bullying*, chamado “Educar para paz”. A partir desse programa o termo ganhou destaque no país. E tragédias que ocorreram em São Paulo e na Bahia em 2001 e 2003 abalaram a sociedade e resultaram na iniciativa de colocar o *bullying* na pauta do dia da escola e sociedade.

Em janeiro de 2003 na cidade de Taiuva, no interior de São Paulo, Edimar de Freitas de 18 anos, entrou armado na escola em que havia concluído o ensino médio e atirou contra 50 pessoas que estavam no pátio, feriu oito e se matou em seguida. Segundo investigações, a barbárie foi motivada pelos constantes apelidos e humilhações que recebia por ser obeso. Ex- colegas do rapaz disseram que ele prometia vingança. Como o caso de Edimar, existe muitos outros. Em 2008 no estado do Rio de Janeiro, Samuel de 17 anos foi espancado dentro da sala de aula pelos colegas, simplesmente porque os *bullies* não gostaram do corte de cabelo do mesmo. Samuel veio a falecer, vítima de meningoencefalite e contusão cerebral.⁵

Como dissemos anteriormente são poucas as escolas no Brasil que lidam com o fenômeno, muitas por falta de conhecimento, omissão e até mesmo comodismo. Silva (2010) afirma que primeiramente as escolas devem assumir a existência e as consequências graves que o *bullying* pode provocar na vida das pessoas. Logo em seguida, é necessário que a escola capacite os profissionais da educação para identificar e interferir na violência.

Em terceiro lugar a autora afirma que as escolas devem conduzir o tema a uma discussão ampla e acionar a comunidade em torno, bem como pediatras, psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais além dos conselhos tutelares, delegacias da criança e do adolescente para que juntos tomem as providências cabíveis.

Cabe à instituição escolar, principalmente aos professores diagnosticarem se alguns de seus alunos estão sofrendo *bullying*. O docente deve estar atento se o aluno está diariamente afastado dos demais em sala de aula e no recreio, se nos trabalhos e jogos coletivos é sempre o último a ser escolhido, se é alvo de apelidos, “zoações” constantes devido ao seu aspecto físico, psicológico e intelectual, se houve uma queda repentina no rendimento escolar, se apresenta arranhões ou hematomas pelo corpo. Novamente lembramos que não podemos considerar todo ato de violência como *bullying*, as agressões verbais e/ou físicas para se caracterizarem como *bullying* devem ser repetidas e sem nenhuma razão

⁵ *Mentes perigosas nas escolas – Bullying*”, 2010, ed. Fontamar de Ana Beatriz Barbosa e Silva

justificável para tal, e deve-se verificar se existe uma hierarquia de poder entre o agressor e a vítima que a impede de se defender.

Segundo Gabriel Chalita (2001) "*O professor é o grande agente do processo educacional*" (p.163), e afirma que "*o docente é a alma de qualquer instituição de ensino*" (p.163). A formação é um fator fundamental para o professor. Não apenas a graduação universitária ou a pós-graduação são importantes para sua formação, mas a formação continuada, ampla, as atualizações e os aperfeiçoamentos. Não basta que um professor de matemática ou de qualquer outra área conheça profundamente a matéria, ele precisa entender de psicologia, pedagogia, linguagem, sexualidade, infância, adolescência, sonho, afeto, vida, ética, política, amor, projetos, família.

Tudo que diz respeito ao aluno deve ser de interesse do professor. Cabe ao mesmo quebrar as barreiras existentes e trabalhar as limitações de cada aluno. A tarefa do professor vai muito além do simples espaço da aula. Ele deve participar ativamente de todo o processo. Segundo o artigo 13 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases), é papel do professor:

- I. Participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II. Elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III. Zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV. Estabelecer estratégias de recuperação dos alunos de menor rendimento;
- V. ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
- VI. Colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

Nota-se que o papel do professor, segundo a LDB, está muito além da simples transmissão de informações. Dentro do conceito de uma gestão democrática, ele participa da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino, isto é, decide solidariamente com a comunidade educativa o perfil de aluno que se quer formar, os objetivos a seguir, as metas a alcançar. O professor assume um papel importantíssimo no que se refere à passagem da vida infantil para a vida adulta do aluno. Além da família e das relações estabelecidas na infância é através do professor que seu caráter se formará. Desse modo o professor deve ter consciência de que sua obrigação na escola não se resume em apenas transmitir conhecimento, e sim contribuir para a formação do caráter de seus alunos, preparando – os para a vida adulta tanto profissionalmente quanto afetivamente.

Além do dever de transmitir conhecimento é papel do professor mediar, aconselhar, orientar e guiar seus alunos, e acima de tudo ensiná-los a respeitar as diferenças sociais de seus colegas de classe bem como todas as pessoas que convivem com o mesmo, orientar sobre os princípios de ética e democracia mostrar que ninguém é superior por ser mais forte ou por possuir bens materiais, ao contrário existem diversidades culturais que devem ser respeitadas. Em outras palavras o educador é responsável pela formação integral do ser humano em sua interação com a família e a sociedade. É de responsabilidade do professor lidar com as diferenças e os direitos das crianças, ressaltando sempre o respeito mútuo, o diálogo, a solidariedade e a justiça.

O *bullying* ocorre dentro e fora da sala de aula, a violência física ou verbal muitas vezes acontece na frente dos professores. Os professores muitas vezes ao fazer comparações entre os alunos acabam, sem perceber, alimentando a violência. De acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), o professor deve trabalhar em seu cotidiano assuntos referentes à ética. De acordo com os PCNs:

(...) deve ser feito um destaque para preconceitos e desrespeito frequente entre os alunos: aqueles que estigmatizam deficientes físicos ou simplesmente os gordos, os feios, os baixinhos etc., em geral traduzidos por apelidos pejorativos. Nesses casos o professor não deve admitir tais atitudes (...)

O documento mostra com clareza em que consistem tais ações:

(...) não se trata de punir os alunos, trata-se de explicar-lhes com clareza o que significa dignidade do ser humano, demonstrar a total impossibilidade de se deduzir que alguma raça é melhor que a outra, trata-se de fazer os alunos pensarem e refletirem a respeito de suas atitudes (...).

O professor além de orientar seus alunos a respeito desses princípios deve tomar muito cuidado com suas atitudes dentro e fora da escola. Muitas vezes, sem perceber, o professor pode estar contribuindo com o *bullying* dentro da sala de aula. Ao fazer comparações sobre o desempenho dos alunos, ou ainda quando ao invés de utilizar o diálogo como meio apaziguador usa de gritos com alunos. O educador deve sempre lembrar que é o modelo dentro e fora da escola para muitos alunos e suas atitudes refletem – se no comportamento dos mesmos.

5. *Bullying: Conceitos e relevância para os professores de Araputanga*

O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos. (Rubem Alves)

O principal objetivo desta pesquisa foi verificar se alguns professores de uma escola do município de Araputanga – MT sabem o que significa bullying, e ainda averiguar se os docentes acreditam que exista o fenômeno na escola além de analisar a ação do professor na prevenção do fenômeno. Para tal fizemos um questionário com 27 (vinte e sete) perguntas para 6 (seis) professores da rede pública de ensino na cidade de Araputanga – MT, vale ressaltar que no momento do preenchimento do questionário estávamos perto do docente e em virtude dessa aproximação foram feitas algumas perguntas oralmente para que fossem esclarecidas algumas respostas que achamos pertinentes e importantes ao tema para a análise dos dados.

Em relação às perguntas 6 (seis) das questões foram de caráter pessoal que consistia em saber o sexo, a idade, o ano que se formaram, há quanto tempo lecionam, o que significa violência e quais as formas de violência as docentes presenciavam comumente no dia a dia.

Em relação ao ambiente escolar as perguntas foram as seguintes:

- 1) Se elas consideram os alunos calmos, agitados, equilibrados ou agressivos?
- 2) Se durante as aulas qual a frequência de impaciência dos alunos, se frequentemente, nunca, algumas vezes ou mais do que os mesmos gostariam?
- 3) Qual seria o motivo para tal impaciência?
- 4) Você atribui à agressividade de seus alunos a falta de educação familiar, falta de caráter, ausência da família ou traumas psicológicos?
- 5) Em sua opinião como é o relacionamento entre os alunos na escola onde você trabalha?
- 6) Seus alunos relatam com frequência situações violentas? Se sim quais?
- 7) Você conhece casos de alunos vítimas de violência na escola?
- 8) Quais destes tipos de violência são mais comuns na escola: violência contra o patrimônio, violência física contra alunos, professores, funcionários, violência moral ou violência verbal?
- 9) Você sabe o que é *bullying*?
- 10) Você acredita que exista ou percebe a presença do *bullying* na escola? Justifique.

- 11) Você acha que esse tipo de comportamento, ou seja, o *bullying* pode trazer consequências para os alunos envolvidos?
- 12) Caso exista o *bullying* como você lida com esta questão?
- 13) Você trabalha a questão da violência com seus alunos? Se sim, de que maneira?
- 14) Você acredita que a escola está preparada para lidar com esse fenômeno *Bullying*? Por quê?
- 15) Você acha que atitudes por parte do professor podem gerar chances para que casos de *bullying* ocorram na sala de aula?
- 16) Na sua vida acadêmica estudou alguma vez sobre o *bullying*? Fora esta pesquisa, já tinha ouvido falar de *bullying*? Explique
- 17) Pra você quem mais sofre com o *bullying*: o agressor, a vítima ou o espectador? Justifique:
- 18) Quais são as atitudes mais violentas são mais comuns entre os alunos?
- 19) Você já sofreu algum tipo de violência dentro da escola?
- 20) Como você reage frente a situações de preconceito e discriminação na sua aula?
- 21) Como você reage frente a situações reais de violência física entre seus alunos na sua aula?
- 22) Depois de ocorrido um evento de violência entre seus alunos, você: procura afastá-los para não agredirem – se mais, () troca um deles de turma, procura ouvir as partes envolvidas e ver quem tem razão, não promove atividades que relacione os envolvidos, procura ajudar a reconciliá-los.

Essa escola está localizada na área urbana e oferece ensino fundamental a cerca de 800 alunos. As professoras serão aqui identificadas por letras professora A, professora B, professora C, professora D, professora E e professora F com a finalidade de manter a discrição sobre a identidade das mesmas. Fizemos uma tabela com algumas informações das docentes participantes:

Professora	Idade	Tempo de atuação
Professora A	33 anos	15 anos
Professora B	36 anos	11 anos
Professora C	38 anos	16 anos
Professora D	34 anos	10 anos
Professora E	37 anos	04 anos
Professora F	41 anos	21 anos

Como podemos observar na tabela acima a idade das professoras varia de 33 a 41 anos, e a maioria delas leciona a mais de quatro anos, possuindo uma considerável experiência dentro da sala de aula.

Antes de iniciarmos o assunto sobre o *bullying*, achamos necessário primeiramente saber das professoras o que significa violência para as mesmas. As respostas foram similares, as docentes atribuem à violência o significado de toda forma de agressão

física ou verbal aos valores morais e espirituais, que causam danos às demais pessoas ou objetos pessoais, em outras palavras, atos que desmoralizem o ser humano enquanto pessoa.

As docentes, em sua maioria, acreditam que um dos motivos predominantes para a realização de atos de violência seja a ausência da família, falta de educação familiar e traumas psicológicos. As professoras entrevistadas já vivenciaram quase todos os tipos de violência, entre elas foram apontadas a verbal, psicológica, moral e física, sendo que a verbal foi citada por todas as professoras.

Questionadas oralmente sobre a frequência de envolvimento das mesmas em conflito, cinco docentes responderam que raramente se envolvem em atos conflituosos e uma das entrevistadas respondeu que às vezes se envolve em tais conflitos. Através das respostas verificamos que a maioria das professoras possui o diálogo como ferramenta primordial na solução de conflitos.

Quatro das professoras consideram seus alunos agitados dentro da sala de aula - A,B,E e F, e duas equilibradas - C e D. Ao serem questionadas sobre qual o motivo que as mesmas atribuem a essa impaciência, a professora A acredita que essa inquietação acontece devido a problemas advindos de casa e a apelidos e insultos provocados por colegas dentro da sala de aula. Diante dessa resposta achamos necessário perguntar à docente se esses apelidos e insultos mencionados pela mesma acontecem frequentemente com o mesmo grupo de alunos. A resposta foi “sim”, isto não foi nenhuma surpresa para nós. Não podemos afirmar com toda certeza porque não somos doutores da área psíquica, mas acreditamos que nessa turma exista o fenômeno *bullying*. Vale ressaltar que:

O *bullying* é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar traumas ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. (FANTE, 2005, p.26)

A professora B, acredita que essa violência existe simplesmente pela falta de educação familiar. A docente C atribui à inclusão à exclusão no ensino e dificuldades de aprendizagem. Perguntamos a ela informalmente em que sentido se referia a inclusão e exclusão de ensino, mas a mesma não soube explicar. Questionada sobre dificuldade de aprendizagem, a professora disse que muitas crianças sentem dificuldades nas aulas e muitas vezes são ridicularizadas pelos colegas, mas disse que isso não acontece frequentemente, apenas algumas vezes e não são com os mesmos alunos.

As dificuldades emocionais dos alunos podem alterar suas relações sociais com professores e colegas e dificultar seriamente sua aprendizagem. Entre elas se encontram a percepção da falta de afeto, o isolamento social, a tristeza prolongada, o sentir-se marginalizado e maltratado. (MARCHESI, 2006, p.82)

A professora D e E atribui a inquietação à falta de concentração e pelo tempo que são obrigados a fazer uma determinada ação. A entrevistada F, atribui essa agitação a esgotamentos e irritação que os alunos sofrem em casa e a competição que há entre os colegas de classe.

Segundo Marcelos (2009) as crianças e adolescentes refletem na escola as frustrações do dia a dia, diante dessa situação os professores devem estar preparados para agir com calma e disciplina com esses alunos que estão descarregando toda a energia negativa vinda de casa na escola.

Aramis (2005), afirma que os motivos que levam a esse tipo de violência são extremamente variados e estão relacionados com as experiências que cada aluno tem em sua família ou comunidade: “Famílias desestruturadas, com relações afetivas de baixa qualidade, em que a violência doméstica é real, ou em que a criança representa o papel de bode expiatório para todas as dificuldades e mazelas são as fontes mais comuns de autores ou alvos de *bullying*.” (p.101).

Perguntamos às entrevistadas como é o relacionamento entre os alunos e algumas das respostas foram preocupantes. Apenas a professora A afirmou que os alunos geralmente são passivos e os discentes que “dão trabalho” – expressão da professora – são os mesmos, e enfim afirma que o relacionamento dos mesmos é bom. A professora B, diferente da professora A, diz que “aparentemente é bom”, o que nos faz pensar que a mesma não tem certeza se realmente é isso, e diz ainda que existe a presença de violência moral e até mesmo física, por esse motivo acreditamos que não seja tão bom assim o entrosamento entre os alunos.

A professora C, considera, na maioria das vezes, o relacionamento amigável. A docente D, diz que “há algumas rivalidades, mas nada fora do comum, ou seja, própria da faixa etária” – palavras da professora – ficamos intrigados diante dessa resposta, pois é comum que tanto professores quanto pais atribua as “brincadeiras” de crianças a “coisas” de crianças devido à idade das mesmas. Contudo, tanto professores como pais devem estar atentos a essas “brincadeirinhas de criança”, para que não sejam surpreendidos futuramente.

A resposta da professora E, também é alarmante, pois a mesma diz que todos se conhecem bem e “dentro dos limites se tratam bem”, o que nos faz questionar: que limites são esses?

A resposta da professora F fora a seguinte: “para alguns a convivência é agradável, mas sempre tem algumas crianças que não se adaptam ao ambiente escolar”. A pergunta que emerge deste cenário é: Qual seria o motivo pelo qual “algumas crianças”, não se adaptam ao ambiente escolar? Ambiente este que representa muito para as crianças, pois é nele que as amizades se formam, é neste que contribuirá fortemente na formação do caráter. Em uma conversa informal perguntamos a essa professora o porquê dessa rejeição ao ambiente escolar, a mesma nos alegou que não sabe bem ao certo, mas acredita que seja em virtude das brincadeiras que ocorrem dentro da sala de aula, brincadeiras essas que segundo a professora deixam alguns alunos chateados.

Afirma ainda que “há alguns coleguinhas isolados, que são discriminados pelo estilo de vida, questão financeira.” Entre parênteses, a entrevistada afirma que essa “minoría” é a grande preocupação da mesma, e que é necessário socializá-los. Diante dessa afirmação acreditamos que essa minoria citada pela professora são vítimas de *bullying*, dizemos que acreditamos porque não podemos apenas com essas expressões diagnosticar, além do mais não somos especialistas no assunto. O fato dessas crianças se isolarem e serem discriminados por uma questão financeira é comum do fenômeno.

Outro dado relevante aparece quando questionamos as professoras se os seus alunos relatam atos de violência com frequência. Cinco das professoras disseram que não, apenas a professora E disse que sim, e afirmou que geralmente são agressões gestuais, verbais e às vezes violência física. Mas ao responderem se presenciavam violência na escola, cinco das respostas foram positivas. Diante disso, observamos que as vítimas de violência e espectadores não relatam aos professores o que acontece dentro da escola. Esse silêncio faz parte das características das vítimas e espectadores do *bullying*. Ambos os personagens são intimados pelos agressores, os espectadores muitas vezes sentem-se indignados com a situação das vítimas, mas são ameaçados pelos *bullies*, caso contarem a alguém poderão ser a próxima vítima, em virtude dessa ameaça os mesmos se calam.

Gostaríamos de mencionar que os espectadores assim como as vítimas tendem a sofrer de fobia escolar, um exemplo é o caso de Luciano que estudava em uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro. Ele presenciava muitos insultos contra seu melhor amigo Gustavo, por usar óculos e ser tímido. Essa violência era acometida por um grupo de alunos que se achavam donos do pedaço. Luciano era ameaçado pelos agressores caso defendesse ou contasse a alguém sobre a violência contra o amigo. Desta forma, Luciano se sente muito mal

por não poder defender seu melhor amigo, e, em virtude disso, sofre de fobia escolar e passava mal só de pensar em estudar⁶.

As professoras, de forma geral, apontaram a violência verbal como o ato mais frequente dentro da escola e ainda mencionaram a violência física contra alunos, professores e funcionários comum. As docentes, oralmente afirmaram que, principalmente entre os alunos é comum, alguns colocarem apelidos pejorativos nos colegas de classe como: “bujão de gás”, “baleia”, “vareta”, “quatro olhos”, “cdf”, “burro”, “pobre”, entre outros. As professoras disseram que frequentemente acontecem esses “xingamentos” dentro da sala de aula. Perguntamos às professoras, que mencionaram esse tipo de conflito, como as vítimas das agressões verbais se comportam. As respostas foram unânimes: “ficam sempre caladas e isolam-se dos demais alunos”. Segundo Silva (2010) quem mais sofre com esse fenômeno são as vítimas.

Quando um jovem sofre *bullying* e não recebe o apoio familiar, escolar ou o incentivo para desenvolver seus talentos numa ação conjunta para salvaguardar a sua auto-estima (...), dificilmente conseguirá alcançar mecanismos de defesa positivos que o levem a superação dos obstáculos. Nesses casos, a probabilidade de que ele adoça é enorme. (SILVA, 2010, p-81 e 82).

Questionadas se sabem o que significa *bullying*, todas responderam que sim, e suas respostas afirmam que as mesmas conhecem o termo, umas das respostas que mais contempla o significado do fenômeno são das professoras B e C, “são atos repetidos de intimidação, deliberados de um indivíduo mais forte contra outro mais fraco, objetivando dominação” e “toda forma de atitudes agressivas, verbais ou físicas intencionais ou repetitivas sem motivação evidente por um ou mais indivíduos”, respectivamente. Ficamos felizes com as respostas que demonstram que os professores conhecem o fenômeno, inclusive a professora A, nos disse que alguns professores de ciências humanas fizeram um projeto sobre o *bullying*.

Todas as professoras mencionaram que existe a presença do fenômeno na escola. A professora A relata que entre os alunos é mais frequente esse ato de violência e que raramente ocorre também entre funcionários, o que caracteriza nesta escola o *bullying* não acontece apenas entre as crianças e adolescentes, mas também entre adultos. Isto agrava muito a situação, pois como dissemos anteriormente a escola é lugar em que os alunos aprendem os

⁶ *Mentes perigosas nas escolas – Bullying*, 2010, ed. Fontamar de Ana Beatriz Barbosa e Silva.

conceitos de democracia, além do mais é nos funcionários e principalmente nos professores que muitos alunos se espelham. A professora D, nos disse que com o projeto mencionado acima, realizado na escola, diminuiu proporcionalmente os casos de *bullying*.

Como era de se esperar mediante das respostas dadas, todas as professoras sabem das consequências graves que tanto vítimas quanto agressores podem sofrer, inclusive uma das professoras disse que através do projeto os alunos também estão conscientes da gravidade do fenômeno. A resposta da professora C comprova esse conhecimento: “sim tanto vítima quanto agressor podem passar e sofrer distúrbios psicológicos e ter dificuldade na aprendizagem.”.

Quanto às providências dos professores frente a situações de *bullying* as respostas foram múltiplas, mas todas dentro do que se espera de um educador. A professora A através do diálogo orienta seus alunos sobre as diversas formas de *bullying* e suas consequências. A professora B também utiliza o diálogo, afirma que conversa com a vítima do fenômeno e orienta a mesma a procurar a secretaria para as devidas providências. C vai além, desenvolve palestras dentro e fora da escola junto a comunidade, com pais e filhos e ainda procura parcerias com o poder judiciário.

As docentes D e E conversam com os alunos e levam os casos a coordenação da escola. Todas as atitudes como dissemos se faz importante, mas acreditamos que o trabalho de todos os professores assim como mostra a professora C, devem envolver pais, filhos, a comunidade de uma forma em geral e o poder judiciário, assim como as varas de infância e adolescência. Silva (2010) afirma:

As “ferramentas” que os adultos devem utilizar para intervir, evitando as consequências mais dramáticas nessa difícil fase de transição para a vida adulta, são o estímulo ao diálogo, a escuta atenta e empática, a construção de vínculos afetivos fortes... (SILVA, 2010, p-69).

Através das respostas das professoras, observamos que todas trabalham sobre a violência com seus alunos, através de diálogos, seminários, reportagens, filmes, artigos resenhas, imagens, historinhas em quadrinhos e palestras com a promotoria.

Perguntamos as professoras se elas acreditam que a escola está preparada para lidar com o fenômeno *bullying*, duas das docentes disseram sim, enquanto três das professoras responderam não. A professora A acredita que os professores não estão preparados para tais situações. A professora E afirma que muitos professores da escola ainda não reconhecem o fenômeno e por isso o despreparo de muitos. Já B e D acreditam que sim, devido ao projeto e

busca de parcerias com os poderes judiciário, executivo e legislativo e acima de tudo com a participação dos pais que é de suma importância diante desse conflito mundial que tem afetado as escolas do mundo todo.

Em relação à décima quinta pergunta que buscou saber se elas acham que as atitudes dos professores que podem gerar casos de *bullying* nas salas de aula, as respostas das mesmas foram um tanto quanto vazias. Achamos importante fazer essa pergunta, pois enquanto pesquisávamos sobre o assunto, descobrimos que existem alguns casos em que o professor contribui para que haja o fenômeno dentro da sala de aula. Todas as atitudes do professor devem ser equilibradas e voltadas para a educação, pois eles são observados por todos os alunos. O professor deve tomar cuidado ao se referir aos alunos, uma expressão mal usada pode acarretar uma série de complicações dentro da sala de aula. De uma forma geral as docentes estão cientes de que suas atitudes podem contribuir para a existência do *bullying*.

Todas as professoras relataram que não estudaram sobre o fenômeno na academia, onde se formaram, mas que antes da pesquisa já haviam ouvido e até estudado sobre o tema. Através das respostas dadas constatamos que as mesmas tiveram a iniciativa de estudar sobre o fenômeno, que é de suma importância que toda a escola conheça a gravidade do mesmo. Uma das professoras foi instigada a fazer a pesquisa depois de ter visto uma reportagem no programa "Altas Horas". Desta forma observamos que a imprensa também se faz importante nesse cenário ao levar a população de uma forma geral, o conhecimento, a gravidade e a existência do fenômeno nas escolas brasileiras.

Questionamos as professoras sobre quem elas acreditam que sofra mais com o *bullying*. Duas das docentes responderam que as vítimas sofrem mais, contudo Silva (2010) afirma que todos os envolvidos sofrem com o fenômeno de formas diferentes, mas não deixam de sofrer. Tanto os agressores, vítimas e espectadores estão sujeitos a traumas psicológicos.

As docentes mencionaram que são frequentes atitudes violentas como chutes, tapas na cabeça, apelidos pejorativos, violência verbal, moral e psicológica. Perguntamos as mesmas como elas reagem frente a situações de discriminação e preconceito dentro da sala de aula. Quatro das professoras mencionaram que utilizam o diálogo alertando as consequências que um ato de violência pode causar nas vítimas e até mesmos nos agressores. Uma das professoras teve uma resposta um tanto quanto assustadora: "Tento acalmar os ânimos e evito me envolver". Pois, como dissemos anteriormente o papel do professor, além do dever de transmitir conhecimento é também mediar, aconselhar, orientar e guiar seus alunos e acima de

tudo ensiná-los a respeitar as diferenças sociais de seus colegas de classe bem como todas as pessoas que convivem com o mesmo, orientar sobre os princípios de ética e democracia.

Quatro das entrevistadas responderam que já foram vítimas de violência dentro da escola, inclusive uma delas foi agredida fisicamente por um aluno. Vale ressaltar que o *bullying* não acontece de aluno para aluno, mas também de aluno para professor e vice e versa.

Observamos que nesta escola existe a presença do fenômeno e que a maioria dos professores estão conscientizados da gravidade do problema e de suas consequências tanto para a vítima quanto para o agressor. E ainda que estejam cientes dos deveres dos mesmos em enquanto educadores e combater o *bullying* tanto dentro quanto fora da escola.

Fante (2005) elabora alguns comportamentos próprios de alunos vítimas formulados por Olweus (1996), que podem ajudar o professor a identificar quando o aluno está sendo vítima de *bullying* na escola: devem ficar atentos se durante o recreio a criança está isolada das demais, se na sala de aula encontra dificuldade de socializar – se com os colegas ou falar em seminários ou outras atividades que exijam a fala, se apresenta feridas, cortes, ou arranhões, se sua fisionomia na maioria das vezes está triste ou angustiada.

Segundo Lopes Neto (2005) a maioria dos casos de *bullying* ocorre no interior das escolas, sem o conhecimento do professor. Por isso é importante que os professores, juntamente com os pais observem com mais frequência o comportamento de seus alunos para ajudar a combater o fenômeno, como o rendimento escolar e dificuldades que as crianças e jovens podem ter no convívio social.

Faz-se necessário que tanto pais quanto professores estejam unidos para enfrentar esse problema que pode ter consequências gravíssimas, tanto para as vítimas, agressores quanto para os espectadores, consequências essas que podem não ser reversível.

Considerações finais

O *bullying* já é uma patologia social, definida como a imposição de sofrimento intencional em relações de desigualdade, seja física ou psicológica. Compreendendo todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais estudantes contra outro causando dor e angústias. Entre esses atos de violência podemos citar: colocar apelidos, intimidar, excluir, assediar, amedrontar, agredir, bater, ameaçar, humilhar, discriminar entre outras.

As marcas que ficam nas vítimas de *bullying* são muito fortes, e na maioria das vezes são permanentes, entre elas podemos citar: depressão, baixa auto-estima, dificuldade em relacionamentos sociais e muitas vezes transtornos de ansiedade e fobia escolar.

Segundo Aramis é importante que a base de uma escola não se restrinja a ensinar apenas conteúdos programáticos, mas também onde se eduquem as crianças e adolescentes para a prática de uma cidadania justa.

Como dissemos anteriormente todos os personagens envolvidos no *bullying*, sofre com o mesmo, tanto vítimas, agressores quanto espectadores. O fenômeno acontece mais entre homens do que com mulheres.

A mídia é responsável em transmitir as informações para a sociedade de uma forma geral. Existem vários filmes que retratam a presença do *bullying* como: Meninas Malvadas, Bang Bang, Você morreu, Nunca fui beijada, Ponte para Terabítia, Querido Frankie, Elefante, Mentos Perigosas, o documentário Tiros em Columbine, a Série Todo mundo odeia o Cris, entre outros todos estes mostram a violência contra uma classe menos desfavorecida, em que estes vivem inúmeros pesadelos na escola e depois voltam para se vingar.

O educador é um veiculador de valores, ele atua como ponto de orientação que os alunos devem observar, sendo o principal responsável em desenvolver a cidadania na escola. Vale ressaltar que a responsabilidade não é apenas dos professores, mas também de pais e da comunidade em geral.

Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E À ADOLESCÊNCIA. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Disponível em: <www.bullying.com.br>. Acesso em: 10 set. 2010.

BALLONE. Ortoloni. **Violência Doméstica**. Belém, 2003. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/infantil/violdome.html>. Acesso em 19 out. 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares**: Rio de Janeiro: 2000. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/3557/1/EticaNaEducacao/pagina1.html#ixzz17f8GYmx5>>. Acesso em: 20 out.2010.

CHALITA, Gabriel. **Educação – a solução está no afeto**. São Paulo, SP: Ed. Gente, 2001.

CURY, Augusto. **Filhos brilhantes, alunos fascinantes**. São Paulo, SP, Audiolivro, Plugme-NovosDisc Mídia Digital Ltda.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Editora Verus, 2005, 224 p.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal de Pediatria, Porto Alegre, v. 81, n. 5, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S0021>. Acesso em: 2 nov. 2010.

MARCELOS, Viviane Avelinos. **Violência Escolar**. Texto disponível em: <http://www.artigonal.com/educação-artigos/violencia-escolar>. Acesso em: 15 de setembro de 2010.

MARCHESI, A. **O que será de nós, os maus alunos?**. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Ed Artmed, 2006, 192 p.

OLWEUS, Dan. **Problemas de hostigamiento y de victimas em La escuela**. Junio 1996. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images>. Acesso em 15 de setembro de 2010.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Ed. Fontamar, 2010.

_____. **Mentes perigosas: O psicopata mora ao lado**. Rio de Janeiro: Ed. Fontamar, 2010.

SILVA, Liane Teodoro da. **A violência escolar sob o olhar dos professores de Araputanga – MT**. Tese (Tese de Conclusão de Curso). Faculdade Católica Rainha da Paz, Araputanga, 2009.

ANEXOS

Questionário realizado para os professores

Professor:

A

Aspecto pessoal

1. Sexo: (X) F () M
2. Idade? 33
3. Ano em que se formou: 2001
4. Há quanto tempo você leciona?
desde 1995
6. O que é violência para você?

R:

7. Que formas de violência você presencia comumente em seu dia a dia?

R: palavrões e insultos, as vezes agressões físicas.

Em relação ao ambiente escolar

1. Você considera seus alunos:
() Calmos
(X) agitados
(X) equilibrados
() agressivos
2. Durante as aulas seus alunos ficam impacientes com que frequência?
() nunca
(X) algumas vezes
(X) com muita frequência
() mais do que você gostaria

3. A seu ver, qual o principal o motivo?

R: problemas que as vezes trazem de casa.
outras vezes devido a apelidos e insultos na própria sala de aula.

4. Você atribui à agressividade de seus alunos á:

- (X) falta de educação familiar
- () falta de caráter
- (X) ausência da família
- (X) traumas psicológicos

5. Em sua opinião como é o relacionamento entre os alunos na escola onde você trabalha?

R: pacíficos, geralmente o aluno que dá trabalho digo
problemas sempre são os mesmos, mas o relacionamento
entre eles é muito bom.

6. Seus alunos relatam com frequência situações violentas? Se sim quais?

- (X) não
- () sim

R:

7. Você conhece casos de alunos vítimas de violência na escola?

() não (X) sim

8. Quais destes tipos de violência são mais comuns na escola?

() Violência contra o patrimônio

(X) violência física contra alunos, professores, funcionários

(X) violência moral

(X) violência verbal

9. Você sabe o que é bullying?

R: Sim, inclusive os professores de ciências humanas e suas disciplinas fizeram um projeto em relação ao bullying aqui nesta escola.

10. Você acredita que exista ou percebe a presença do bullying na escola? Justifique.

R: Sim. Em alguns momentos, presenciamos o bullying entre alunos e novamente entre funcionários.

11. Você acha que esse tipo de comportamento, ou seja, o bullying pode trazer consequências para os alunos envolvidos?

R: Com certeza. Alguns desses alunos que sofreram de rebeldia sua experiência trágica, onde muitos ficaram sequelados.

12. Caso exista o bullying como você lida com esta questão?

R: Tanto quanto para que isso não volte a acontecer, explico sobre a questão bullying de uma maneira geral que possa abarcar todas as formas de bullying.

13. Você trabalha a questão da violência com seus alunos? Se sim, de que maneira?

R: Sim. Através de pesquisa, seminários, textos e até histórias em quadrinhos.

14. Você acredita que a escola está preparada para lidar com esse fenômeno Bullying?

R: Por que? Não. porque muitos professores não estão preparados para tal situação.

15. Você acha que atitudes por parte do professor podem gerar chances para que casos de bullying ocorram na sala de aula?

R: Sim, sim.

16. Na sua vida acadêmica estudou alguma vez sobre o bullying? Fora esta pesquisa, já tinha ouvido falar de bullying? Explique

R: Não, não, só quando vi no programa do Sérgio Caltan de 1995. E pesquisei um pouco mais. Cheguei a conclusão que em muitos momentos o bullying era visto como chacotas e outros.

17. Pra você quem mais sofre com o bullying: o agressor, a vítima ou o espectador?

Justifique:

R: Depende de todos, sofre diretamente ou indiretamente.

18. Quais são as atitudes mais violentas são mais comuns entre os alunos?

R: *aproximações físicas.*

19. Você já sofreu algum tipo de violência dentro da escola?

R: *sim. Enquanto estava sofrendo muito preconceito.*

20. Como você reage frente a situações de preconceito e discriminação na sua aula?

R: *tenho adotado os ânimos e tento me envolver.*

21. Como você reage frente a situações reais de violência física entre seus alunos na sua aula?

tento me envolver.

R:

22. Depois de ocorrido um evento de violência entre seus alunos, você:

- ☒ procura afastá-los para não agredirem – se mais
- ☐ troca um deles de turma
- ☒ procura ouvir as partes envolvidas e ver quem tem razão
- ☐ não promove atividades que relacione os envolvidos
- ☒ procura ajudar a reconciliá-los

Questionário realizado para os professores

Professor: B

Aspecto pessoal

1. Sexo: () F () M
2. Idade? 36
3. Ano em que se formou: 2003
4. Há quanto tempo você leciona? 11 anos

6. O que é violência para você?

R: A violência é o ato de desrespeito ou agressão física, moral ou psicológica.

7. Que formas de violência você presencia comumente em seu dia a dia?

R: A violência moral e psicológica, isto é, com palavras, o verdadeiro desrespeito um para com o outro.

Em relação ao ambiente escolar

1. Você considera seus alunos:

- () Calmos
- (x) agitados
- () equilibrados
- () agressivos

2. Durante as aulas seus alunos ficam impacientes com que frequência?

- () nunca
- () algumas vezes
- (x) com muita frequência
- () mais do que você gostaria

3. A seu ver, qual o principal motivo?

R: A falta de respeito mesmo, isto é, a falta de educação familiar.

4. Você atribui à agressividade de seus alunos á:

- (x) falta de educação familiar
- (x) falta de caráter
- () ausência da família
- () traumas psicológicos

5. Em sua opinião como é o relacionamento entre os alunos na escola onde você trabalha?

R: Aparentemente bom, mas há relatos de violências moral e alguns casos de físicos.

6. Seus alunos relatam com frequência situações violentas? Se sim quais?

- (x) não
- () sim

R:

7. Você conhece casos de alunos vítimas de violência na escola?

() não (X) sim

8. Quais destes tipos de violência são mais comuns na escola?

(X) Violência contra o patrimônio

() violência física contra alunos, professores, funcionários

() violência moral

(X) violência verbal

9. Você sabe o que é bullying?

R: São várias as conceituações, mas posso conceituá-lo da seguinte forma: são atos repetidos de intimidação, deliberados de um indivíduo mais forte contra outro mais fraco, objetivando dominação. Pode ser físico (com ou sem contato), verbal, emocional, racista ou sexual.

10. Você acredita que exista ou percebe a presença do bullying na escola? Justifique.

R: Com certeza. Não presenciei a física, mas a intimidação, as ameaças, zombarias.

11. Você acha que esse tipo de comportamento, ou seja, o bullying pode trazer consequências para os alunos envolvidos?

R: Com certeza.

12. Caso exista o bullying como você lida com esta questão?

R: Conversei com quem sabe e pedi que procurasse a secretaria para as devidas providências.

13. Você trabalha a questão da violência com seus alunos? Se sim, de que maneira?

R: Diálogo e palestra com a promotoria de justiça da comarca.

14. Você acredita que a escola está preparada para lidar com esse fenômeno Bullying?

R: Pelo fato de estarmos desenvolvendo o projeto bullying na escola buscando parcerias com as esferas judiciárias, executivas e legislativas e principalmente com a família.

15. Você acha que atitudes por parte do professor podem gerar chances para que casos de bullying ocorram na sala de aula?

R: Com certeza.

16. Na sua vida acadêmica estudou alguma vez sobre o bullying? Fora esta pesquisa, já tinha ouvido falar de bullying? Explique

R: Na vida acadêmica não. Sobre esta pesquisa sim, conforme foi relatado.

17. Para você quem mais sofre com o bullying: o agressor, a vítima ou o espectador?

R: A vítima com certeza. Pois a mesma sente-se intimidada, sem forças para lutar contra o ataque e isso acarreta ter as consequências por toda a vida.

18. Quais são as atitudes mais violentas são mais comuns entre os alunos?

R: A verbal e moral e psicológico.

19. Você já sofreu algum tipo de violência dentro da escola?

R: No início da carreira, um chute na bunda por um aluno de C.A.

20. Como você reage frente a situações de preconceito e discriminação na sua aula?

R: Converso com eles e falo das consequências p tanto para quem pratica e para quem recebe.

21. Como você reage frente a situações reais de violência física entre seus alunos na sua aula?

R: converso ^{com eles} e em seguida encaminho a direção para as devidas providências.

22. Depois de ocorrido um evento de violência entre seus alunos, você:

- (x) procura afastá-los para não agredirem – se mais
- () troca um deles de turma
- (x) procura ouvir as partes envolvidas e ver quem tem razão
- () não promove atividades que relacione os envolvidos
- (x) procura ajudar a reconciliá-los

Questionário realizado para os professores

Professor:

Aspecto pessoal

1. Sexo: ☒ F () M
2. Idade? 33
3. Ano em que se formou: 2003
4. Há quanto tempo você leciona? 16 anos

6. O que é violência para você?

R:

7. Que formas de violência você presencia comumente em seu dia a dia?

R:

Em relação ao ambiente escolar

1. Você considera seus alunos:

- () Calmos
() agitados
(☒) equilibrados
() agressivos

2. Durante as aulas seus alunos ficam impacientes com que frequência?

- () nunca
(☒) algumas vezes
() com muita frequência
() mais do que você gostaria

3. A seu ver, qual o principal motivo?

R:

4. Você atribui à agressividade de seus alunos á:

- () falta de educação familiar
() falta de caráter
(☒) ausência da família
() traumas psicológicos

5. Em sua opinião como é o relacionamento entre os alunos na escola onde você trabalha?

R:

6. Seus alunos relatam com frequência situações violentas? Se sim quais?

- (☒) não () sim

R:

7. Você conhece casos de alunos vítimas de violência na escola?

() não (X) sim

8. Quais destes tipos de violência são mais comuns na escola?

(X) Violência contra o patrimônio

(X) violência física contra alunos, professores, funcionários

(X) violência moral

(X) violência verbal

9. Você sabe o que é *bullying*?

R:

10. Você acredita que exista ou percebe a presença do *bullying* na escola? Justifique.

R:

11. Você acha que esse tipo de comportamento, ou seja, o *bullying* pode trazer consequências para os alunos envolvidos?

R:

12. Caso exista o *bullying* como você lida com esta questão?

R:

13. Você trabalha a questão da violência com seus alunos? Se sim, de que maneira?

R:

14. Você acredita que a escola está preparada para lidar com esse fenômeno *Bullying*?
Por que?

R:

15. Você acha que atitudes por parte do professor podem gerar chances para que casos de *bullying* ocorram na sala de aula?

R:

16. Na sua vida acadêmica estudou alguma vez sobre o *bullying*? Fora esta pesquisa, já tinha ouvido falar de *bullying*? Explique

R:

17. Pra você quem mais sofre com o *bullying*: o agressor, a vítima ou o espectador?

Justifique:

R:

18. Quais são as atitudes mais violentas são mais comuns entre os alunos?

R:

19. Você já sofreu algum tipo de violência dentro da escola?

R:

20. Como você reage frente a situações de preconceito e discriminação na sua aula?

R:

21. Como você reage frente a situações reais de violência física entre seus alunos na sua aula?

R:

22. Depois de ocorrido um evento de violência entre seus alunos, você:

- ☒ procura afastá-los para não agredirem – se mais
- ☐ troca um deles de turma
- ☒ procura ouvir as partes envolvidas e ver quem tem razão
- ☐ não promove atividades que relacione os envolvidos
- ☒ procura ajudar a reconciliá-los

Questionário realizado para os professores

Professor:

Aspecto pessoal

19

1. Sexo: ☒ F () M
2. Idade? 34
3. Ano em que se formou: 2005
4. Há quanto tempo você leciona? 10 anos

6. O que é violência para você?

R: É todo tipo de agressão

7. Que formas de violência você presencia comumente em seu dia a dia?

R: violência verbal

Em relação ao ambiente escolar

1. Você considera seus alunos:
() Calmos
() agitados
(☒) equilibrados
() agressivos
2. Durante as aulas seus alunos ficam impacientes com que frequência?
() nunca
(☒) algumas vezes
() com muita frequência
() mais do que você gostaria
3. A seu ver, qual o principal o motivo?

R: Falta de concentração

4. Você atribui à agressividade de seus alunos á:
() falta de educação familiar
() falta de caráter
(☒) ausência da família
() traumas psicológicos
5. Em sua opinião como é o relacionamento entre os alunos na escola onde você trabalha?

R: Há algumas rivalidades, mas nada fora do comum, ou seja, próprio da faixa etária

6. Seus alunos relatam com frequência situações violentas? Se sim quais?

(☒) não () sim

R:

7. Você conhece casos de alunos vítimas de violência na escola?

(X) não () sim

8. Quais destes tipos de violência são mais comuns na escola?

() Violência contra o patrimônio

() violência física contra alunos, professores, funcionários

() violência moral

(X) violência verbal

9. Você sabe o que é *bullying*?

R: Sim

10. Você acredita que exista ou percebe a presença do *bullying* na escola? Justifique.

R: Sim, porém com um projeto realizado na escola diminuiu muito os casos de *bullying* neste ambiente.

11. Você acha que esse tipo de comportamento, ou seja, o *bullying* pode trazer consequências para os alunos envolvidos?

R: Sim, e como já disse na pergunta anterior os alunos sabem das consequências.

12. Caso exista o *bullying* como você lida com esta questão?

R: Deixo-os refletir a respeito do *bullying* e suas consequências.

13. Você trabalha a questão da violência com seus alunos? Se sim, de que maneira?

R: Sim, Pacine leva reportagens, artigos, resenhas, contos e fim todos os textos reais e fictícios que discute o assunto.

14. Você acredita que a escola está preparada para lidar com esse fenômeno *Bullying*?

Por que?

R: Sim, Porque todos os professores têm participado do projeto sobre o *bullying*.

15. Você acha que atitudes por parte do professor podem gerar chances para que casos de *bullying* ocorram na sala de aula?

R: Com certeza é preciso tomar muito cuidado com relação professor X alunos.

16. Na sua vida acadêmica estudou alguma vez sobre o *bullying*? Fora esta pesquisa, já tinha ouvido falar de *bullying*? Explique

R: Sim, já estudei, mas não na academia, pois na escola, a qual leciono, desenvolvemos um projeto que

17. Pra você quem mais sofre com o *bullying*: o agressor, a vítima ou o espectador? Justifique: *Tudo depende*

Justifique:

R: A vítima, pois poderá refletir em toda sua vida se não receber ajuda...

18. Quais são as atitudes mais violentas são mais comuns entre os alunos?

R: *violência verbal*

19. Você já sofreu algum tipo de violência dentro da escola?

R: *não*

20. Como você reage frente a situações de preconceito e discriminação na sua aula?

R: *Travo a aula para discutir o assunto e mostrar as consequências...*

21. Como você reage frente a situações reais de violência física entre seus alunos na sua aula?

R: *Não passei por situações desta natureza.*

22. Depois de ocorrido um evento de violência entre seus alunos, você:

- ☐ () procura afastá-los para não agredirem – se mais
- ☐ () troca um deles de turma
- ☐ () procura ouvir as partes envolvidas e ver quem tem razão
- ☐ () não promove atividades que relacione os envolvidos
- ☒ (X) procura ajudar a reconciliá-los

Questionário realizado para os professores

Professor: *re*

Aspecto pessoal

1. Sexo: ☒ F () M
2. Idade? *37*
3. Ano em que se formou: *2008*
4. Há quanto tempo você leciona? *± 4 anos*

6. O que é violência para você?

R: *agressão ao modo de pensar.*

7. Que formas de violência você presencia comumente em seu dia a dia?

R: *normalmente verbal e gestual*

Em relação ao ambiente escolar

1. Você considera seus alunos:

- () Calmos
- ☒ agitados
- () equilibrados
- () agressivos

2. Durante as aulas seus alunos ficam impacientes com que frequência?

- () nunca
- ☒ algumas vezes
- () com muita frequência
- () mais do que você gostaria

3. A seu ver, qual o principal o motivo?

R: *O tempo em que são "obrigados" a fazer uma determinada ação.*

4. Você atribui à agressividade de seus alunos à:

- () falta de educação familiar
- () falta de caráter
- () ausência da família
- () traumas psicológicos ☒ outros

5. Em sua opinião como é o relacionamento entre os alunos na escola onde você trabalha?

R: *É bom. todos se conhecem e, dentro dos limites se tratam bem.*

6. Seus alunos relatam com frequência situações violentas? Se sim quais?

- () não
- ☒ sim. *agressões gestuais, verbais e as vezes físicas.*

R:

7. Você conhece casos de alunos vítimas de violência na escola?

() não (X) sim

8. Quais destes tipos de violência são mais comuns na escola?

() Violência contra o patrimônio

() violência física contra alunos, professores, funcionários

() violência moral

(X) violência verbal

9. Você sabe o que é bullying?

R: tipo de agressão ^{que} intimida o outro, podendo ser física e verbal, ou mesmo moral.

10. Você acredita que exista ou percebe a presença do bullying na escola? Justifique.

R: Sim. Esse tipo de comportamento não é exclusivo dos alunos, mas em qualquer ambiente.

11. Você acha que esse tipo de comportamento, ou seja, o bullying pode trazer consequências para os alunos envolvidos?

R: Sim, principalmente emocional.

12. Caso exista o bullying como você lida com esta questão?

R: procuro conversar e repassar o caso para a direção/coordenação da escola.

13. Você trabalha a questão da violência com seus alunos? Se sim, de que maneira?

R: Sim através de filmes, leituras, imagens.

14. Você acredita que a escola está preparada para lidar com esse fenômeno Bullying?
Por que?

R: Ainda não. podemos ver o nosso despreparo quando alguns professores ainda dizem desconhecem o assunto.

15. Você acha que atitudes por parte do professor podem gerar chances para que casos de bullying ocorram na sala de aula?

R: principalmente o diálogo, a amizade.

16. Na sua vida acadêmica estudou alguma vez sobre o bullying? Fora esta pesquisa, já tinha ouvido falar de bullying? Explique

R: não.

17. Pra você quem mais sofre com o bullying: o agressor, a vítima ou o espectador?

Justifique:

R: acredito que os 3, mas de maneiras diferentes.

s são mais comuns entre os alunos?

e moral

cia dentro da escola?

de preconceito e discriminação na sua aula?

no diálogo e tento promovê-lo

reais de violência física entre seus alunos na sua

*tento conversar, depois encami-
nação e/ou direções.*

ência entre seus alunos, você:

predirem – se mais *1º momento*

() procura um deles de turma

(x) procura ouvir as partes envolvidas e ver quem tem razão *2º momento*

() não promove atividades que relacione os envolvidos

(x) procura ajudar a reconciliá-los *3º momento*

Questionário realizado para os professores

Professor: F

Aspecto pessoal

1. Sexo: ☒ F () M
2. Idade? 41
3. Ano em que se formou: 1989
4. Há quanto tempo você leciona? 21

5. O que é violência para você?

R: É um comportamento que causa dano a outra pessoa ser vítima.
R: Ofensas pessoais, agressão física, agressão aos valores morais e espirituais invalidando a integridade física.

6. Que formas de violência você presencia comumente em seu dia a dia?

R: físicas/psicológicas e verbais com mais frequência

Em relação ao ambiente escolar

1. Você considera seus alunos:

- () Calmos
- ☒ agitados
- () equilibrados
- () agressivos

2. Durante as aulas seus alunos ficam impacientes com que frequência?

- () nunca
- ☒ algumas vezes
- () com muita frequência
- () mais do que você gostaria

3. A seu ver, qual o principal o motivo?

R: Excitação, irritação em casa e competição entre eles

4. Você atribui à agressividade de seus alunos à:

- ☒ falta de educação familiar
- () falta de caráter
- () ausência da família
- ☒ traumas psicológicos

5. Em sua opinião como é o relacionamento entre os alunos na escola onde você trabalha?

R: É bom e clima agradável, mas sempre tem algumas crianças que não se adaptam ao ambiente escolar, vivem isolados e são discriminados pelo estilo de vida, questões financeiras (essa minoria é a minha preocupação)

6. Seus alunos relatam com frequência situações violentas? Se sim quais?

- ☒ não
- () sim

R:

7. Você conhece casos de alunos vítimas de violência na escola?

() não (X) sim

8. Quais destes tipos de violência são mais comuns na escola?

() Violência contra o patrimônio

(X) violência física contra alunos, professores, funcionários

(X) violência moral

(X) violência verbal

9. Você sabe o que é bullying?

R: *toda ação de violência repetida contra o mesmo indivíduo por um ou grupo de alunos*

10. Você acredita que exista ou percebe a presença do bullying na escola? Justifique.

R: *Sim, percebo apelidos na minha aula. Os que são chamados ficam tristes e calados*

11. Você acha que esse tipo de comportamento, ou seja, o bullying pode trazer consequências para os alunos envolvidos?

R: *Sim, mas é complicado, às vezes até tento interferir, mas eles param na hora depois começam novamente. Os alunos que recebem esses apelidos às vezes até choram.*

12. Caso exista o bullying como você lida com esta questão?

R: *tento dialogar com os envolvidos e levo o caso à direção da escola.*

13. Você trabalha a questão da violência com seus alunos? Se sim, de que maneira?

R: *Sim, através de vídeos em sala*

14. Você acredita que a escola está preparada para lidar com esse fenômeno Bullying?

Por que?

R: *Não, por mais que tenha o projeto, acredito que os professores ainda precisam estar preparados para tal.*

15. Você acha que atitudes por parte do professor podem gerar chances para que casos de bullying ocorram na sala de aula?

R: *Não, pois os apelidos e insultos dos alunos nunca foi pronunciado por mim e pelo que sei por nenhum professor.*

16. Na sua vida acadêmica estudou alguma vez sobre o bullying? Fora esta pesquisa, já tinha ouvido falar de bullying? Explique

R: *Não, depois de algumas reportagens na TV me interessei pelo assunto*

17. Para você quem mais sofre com o bullying: o agressor, a vítima ou o espectador?

Justifique:

R: *todos sofrem, mas acho que a vítima sofre mais*

18. Quais são as atitudes mais violentas são mais comuns entre os alunos?

R: Apelidos, batidas na cabeça

19. Você já sofreu algum tipo de violência dentro da escola?

R: Sim, na escola sempre tirei notas boas e meus colegas de classe zavam comigo. Por isso, teve uma vez que até cheguei melhor não tirar boas notas pois assim me deixariam em paz. Mas meus pais descobriram e conversaram comigo, porque eu não tinha

20. Como você reage frente a situações de preconceito e discriminação na sua aula?

R: Através do diálogo digo a eles que é muito feio desrespeitar o próximo

21. Como você reage frente a situações reais de violência física entre seus alunos na sua aula?

R:

22. Depois de ocorrido um evento de violência entre seus alunos, você:

- ☒ procura afastá-los para não agredirem – se mais
- ☐ troca um deles de turma
- ☐ procura ouvir as partes envolvidas e ver quem tem razão
- ☐ não promove atividades que relacione os envolvidos
- ☐ procura ajudar a reconciliá-los